

## FSM 2018 – Criar e Transformar no limite do impossível

*Publicado em Le Monde Diplomatique Brasil – Maio 2018*

Surpreendeu! O FSM 2018, realizado em Salvador de 13 a 17 de março 2018, mexeu com as emoções e as convicções de muita gente, de estrangeiros e brasileiros até os próprios baianos e pessoas membros do Grupo Facilitador, que conduziram a sua construção. De forma geral, o FSM 2018 agradou e empolgou. Na reunião do Conselho Internacional, que ocorreu no final do evento, nos dias 17 e 18 de março, as intervenções das pessoas presentes não dispensaram elogios, ressaltando a vivacidade do evento, a mobilização muito expressiva dos mais diversos grupos e organizações, o estímulo ao movimento altermundialista ou ainda a hospitalidade e a disposição do povo baiano. As fragilidades apontadas na organização do evento, relacionadas como site, a programação virtual que não chegou a ser impressa ou ainda com as dificuldades para localizar tendas e salas para algumas atividades nos primeiros dias, não afetaram a relevância do encontro. Para a maioria, o FSM saiu revigorado, e as dúvidas sobre a possibilidade do evento em Salvador ser o último do gênero, foram afastadas: o FSM renasceu.

O FSM 2018 superou as expectativas: em vez das 50.000 pessoas esperadas, reuniu cerca de 80 mil participantes – mais do dobro de FSM 2016 em Montreal no Canadá – um público sendo majoritariamente formado por negras e negros, mulheres, povos tradicionais de matriz africana, juventudes de periferias e indígenas. Todas e todos juntos e misturados. A cultura popular sempre ocupou o ponto alto dos vários acontecimentos do FSM, deste a Marcha de Abertura, com a participação de 60 mil pessoas, passando por todos os demais momentos e encerrando com o Cortejo Cultural.

O FSM teve como espaço central o Campus da Ondina da Universidade Federal da Bahia (UFBA) mas seu território se estendeu em toda cidade e região metropolitana, com um total de 70 lugares onde foram desenvolvidas atividades. O campus da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no bairro do Cabula, abrigou o encontro de lideranças de religiões de matriz africana, com mais de 400 representantes presentes. O Território de Itapuã, na Lagoa do Abaeté, teve uma programação própria (política e cultural) e finalizou com uma virada cultural na noite de 17/03. O acampamento Intercontinental

da Juventude, no Parque de Exposições, onde 2.000 pessoas acamparam, também abrigou atividades, incluindo uma assembleia mundial das juventudes e um grande show.

No estádio de Pituvaçu, ocorreu no dia 15/03 uma assembleia mundial em defesa da democracia, com a presença de diversas lideranças de movimentos sociais brasileiros e internacionais, assim como de políticos de destaque, que resistem frente aos retrocessos nas instituições democráticas nacionais, a exemplo dos ex-presidentes Manuel Zelaya de Honduras e Luiz Inácio Lula da Silva. No dia seguinte, a Assembleia Mundial das Mulheres reuniu por sua vez 8.000 mulheres, no Terreiro de Jesus, em pleno centro histórico. O assassinato de Marielle Franco no dia 14, que estava prevista para intervir em uma atividade do FSM dois dias depois, marcou profundamente o evento, com marcha, atos e inúmeras declarações. A democracia estava sangrando, porém resistindo.

A Bahia estava muito bem representada, a exemplo da participação marcante de vinte dos vinte e dois povos indígenas existentes no estado, acampados em frente à Assembleia Legislativa da Bahia. O Brasil também se fez presente com movimentos de todo país, muitos deles vindos em caravanas de ônibus organizados por comitês estaduais do FSM 2018. Foi um Fórum Social realmente Mundial, que contou com mais de 6.000 participantes internacionais, tendo a presença latino-americana e africana dentre as maiores delegações estrangeiras. Destaque para as representações de Marrocos, Alemanha, Itália e Canadá (Québec).

O grande número de participantes resultou na realização de 2.000 atividades, todas organizadas de forma autogestionada. Do ponto de vista dos conteúdos, o FSM 2018 proporcionou importantes acúmulos das agendas que circularam os eixos do desenvolvimento, justiça social e ambiental, dos direitos humanos, das mulheres e dos temas da luta contra o racismo e a xenofobia, onde houve maior número de atividades inscritas. Ecoaram as vozes das juventudes, do segmento LGBTQI, das mulheres negras, curdas e saarauis, do povo palestino, dos pescadores tradicionais, das pessoas com deficiência, das lutas urbanas, da saúde mental, entre outros. Os resultados das atividades autogestionadas e principalmente das diversas convergências temáticas

realizadas foram expostos na manhã do último dia, 17/03, na Ágora dos Futuros, na Praça das Artes no campus da UFBA.

Para além da denúncia do sistema, muitas foram as atividades de trocas de experiências entre movimentos e organizações sociais que já praticam, em suas comunidades e grupos, os valores de um outro mundo possível. Por isso, o lema “Resistir é Criar, Resistir é Transformar” foi tão atual e concreto, muito mais vivido do que teorizado. A atuação da economia solidária foi particularmente significativa nesse sentido.

Talvez, por isso, aquelas pessoas acostumadas demais com os Fóruns Sociais eurocêntricos, de pele branca e atividades formais de debates teóricos sobre o futuro da esquerda no mundo, tenham estranhado a vitalidade e a inovação do FSM de Salvador. O FSM 2018 foi realizado em um tempo recorde e enfrentou condições adversas, tanto do ponto de vista político quanto financeiro. Resultado de uma iniciativa do Coletivo Baiano do FSM que apresentou a proposta de um evento de caráter mundial no Fórum Social das Resistências em janeiro de 2017 em Porto Alegre, o FSM 2018 não conseguiu conquistar algumas lideranças de movimentos sociais, notadamente da região Sudeste. Mas o seu processo de construção foi altamente participativo e levou à mobilização e envolvimento dos mais diversos movimentos, povos e territórios em resistência, resultando na criação de um amplo Coletivo Brasileiro, de um Grupo Facilitador formado por 25 organizações representativas dessa pluralidade, e de múltiplos grupos de trabalho que prepararam o evento de forma autogestionada. Os principais apoios financeiros vieram do governo do estado da Bahia e da organização alemã Pão Para o Mundo (PPM).

O FSM 2018 contribuiu para aproximar as lutas de movimentos em resistência, estabelecendo relações anticapitalistas, antirracistas, antissexistas e anticoloniais. A prática mostrou que essa demolição e reconstrução de relações começa dentro da própria dinâmica do FSM e da articulação entre os movimentos.

Resta o desafio do FSM romper com a invisibilidade imposta pelo sistema capitalista através dos monopólios e oligopólios dos grandes grupos de comunicação, para alcançar uma maior incidência no imaginário coletivo e na sociedade em geral. A humanidade está em uma fase de transição, e o FSM deve continuar o seu caminho de espaço autogestionando, anti-neoliberal, profundamente crítico ao sistema e propositivo de

alternativas. Um outro mundo segue sendo possível e necessário. E a nós cabe prosseguir lutando para construí-lo.

**Por Damien Hazard e Mauri Cruz**

*Damien Hazard é coordenador da Vida Brasil, diretor da Associação Brasileiro de ONGs (ABONG) na Bahia, membro do Grupo Facilitador do FSM 2018 e do Conselho Internacional do FSM*

*Mauri Cruz é membro do CAMP, diretor executivo da Associação Brasileira de ONGs (ABONG), membro do Grupo Facilitador do FSM 2018 e do Conselho Internacional do FSM*